

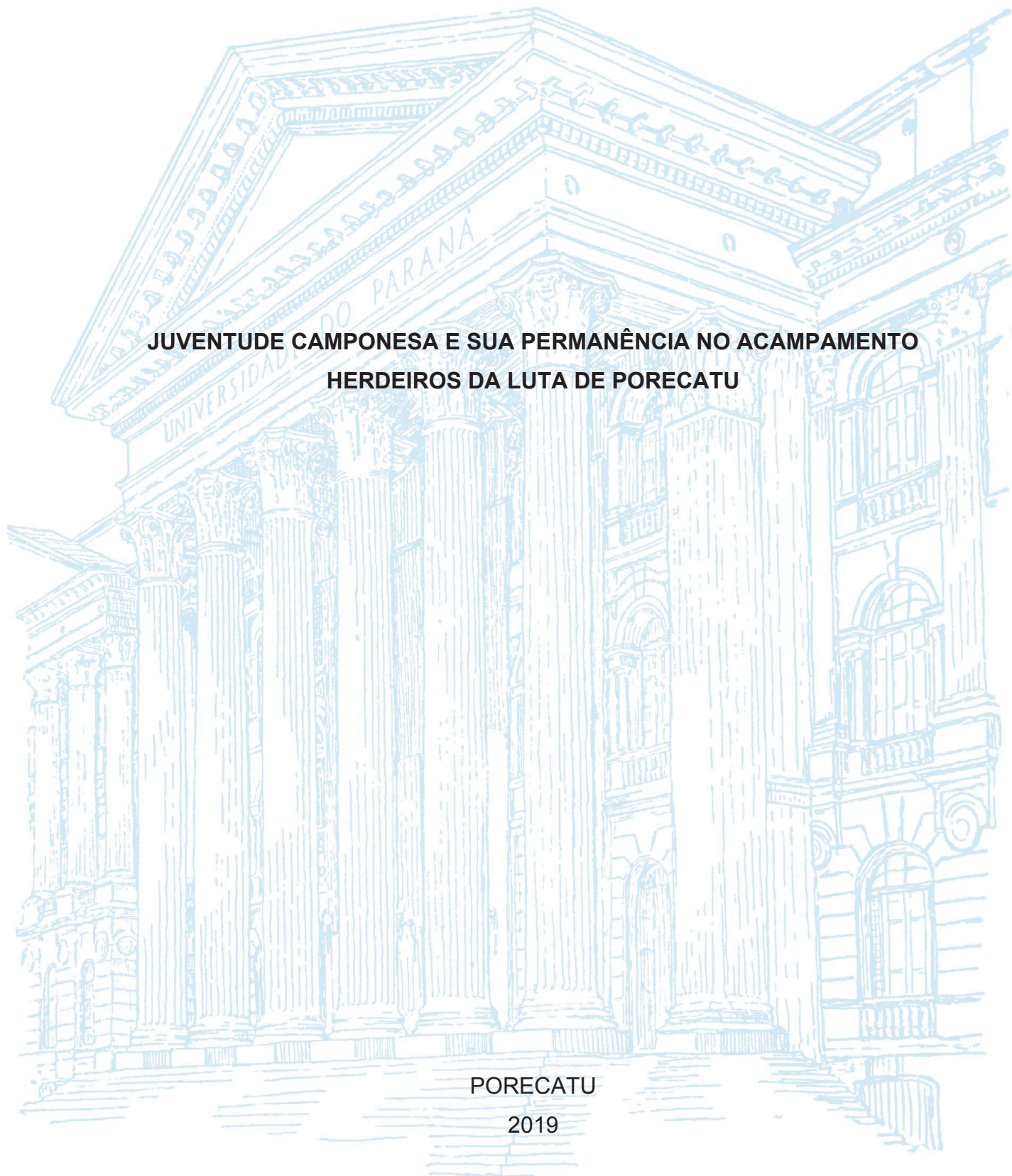
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GIANNI GALEGO BARBOSA

**JUVENTUDE CAMPONESA E SUA PERMANÊNCIA NO ACAMPAMENTO  
HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU**

PORECATU

2019



GIANNI GALEGO BARBOSA

**JUVENTUDE CAMPONESA E SUA PERMANÊNCIA NO ACAMPAMENTO  
HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão da Especialização em Educação do Campo e Realidade Brasileira através dos seus Pensadores, da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Orientador (a) /Professor (a): Prof. Eduardo Harder

PORECATU

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 SETOR LITORAL  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A  
 REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS  
 PENSADORES - 40001016329E1

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **GIANNI GALEGO BARBOSA** intitulada: **Juventude camponesa e sua permanência no Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Matinhos, 05 de Dezembro de 2019.

*Eduardo Harder*  
 EDUARDO HARDER

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

*Maria Isabel Farias*  
 MARIA ISABEL FARIAS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

*Maurício César Vitória Fagundes*  
 MAURÍCIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

## JUVENTUDE CAMPONESA E SUA PERMANÊNCIA NO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU

GIANNI GALEGO BARBOSA

### RESUMO

A juventude que vive o início do século XXI apresenta as marcas da sociabilidade do capital. Ao mesmo tempo em que se coloca a possibilidade de alongamento da escolarização com a ampliação de acesso ao ensino superior, vive-se uma situação de desemprego, perdas de conquistas com a flexibilização de contratos trabalhistas, a terceirização e a informalidade. As lutas presentes na constituição de acampamentos do MST são forças que se colocam contrárias a esse processo. O objetivo da pesquisa foi compreender como ocorre a formação de jovens militantes do MST, com o foco nos egressos do ensino médio da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, considerando a mediação entre a escolarização de nível médio, o trabalho, a militância e a continuidade dos estudos. A escola se situa no Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu, em Porecatu, PR e ambos foram constituídos a partir da ocupação da Fazenda Variante, no ano de 2008, período de amplas mobilizações do MST. Realizamos entrevistas com 4 (quatro) alunos egressos do nível médio da escola, do período de 2010 a 2018. Outros dados foram coletados por meio da observação participante e análise de documentos. A situação de trabalho dos egressos evidencia a presença do setor de serviços no acampamento; a mecanização da produção, que tem alterado a vida dos jovens; a saída do acampamento em busca de trabalho e estudo; bem como a sua inter-relação com a militância. O MST é o grupo no qual os jovens militantes podem estabelecer relações sociais mais amplas e complexas, permitindo a constituição de uma autonomia financeira, intelectual e emocional. Entretanto, a condição material e o espírito de sacrifício são elementos que aproximam a militância da alienação do trabalho assalariado. A continuidade de estudos tem sido possibilitada principalmente pelos cursos organizados pelo MST. Num período de massificação e mercadorização do ensino superior, tais cursos têm contribuído para uma formação pautada pelo enfrentamento a essa situação. Nesse contexto, para que a escola - e nela a etapa de nível médio -, possa contribuir na formação dos jovens, é preciso que esteja articulada com a materialidade da vida, sobretudo com a organização da produção dos assentamentos, suas contradições e lutas sociais.

**Palavras-chave:** 1 Trabalho; 2 Educação; 3. Juventude; 4 Movimentos Sociais; 5 Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

## ABSTRACT

The youth who live the beginning of the 21st century show the marks of the sociability of capital. At the same time as the possibility of lengthening schooling with the expansion of access to higher education is posed, there is a situation of unemployment, loss of achievement with the flexibilization of labor contracts, outsourcing and informality. The struggles present in the constitution of camps of the MST are forces that oppose this process. The objective of the research was to understand how the formation of young MST militants occurs, focusing on the high school graduates of the Herdeiros da Luta de Porecatu Itinerant School, considering the mediation between high school level, work, militancy and continuity of studies. The school is located at Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu, in Porecatu, PR and both were constituted from the occupation of Fazenda Variante, in 2008, period of extensive mobilization of the MST. We conducted interviews with 4 high school graduates from 2010 to 2018. Other data were collected through participant observation and document analysis. The work situation of the graduates shows the presence of the service sector in the camp; mechanization of production, which has changed the lives of young people; leaving camp in search of work and study; as well as its interrelationship with militancy. The MST is the group in which young activists can establish broader and more complex social relationships, allowing for the constitution of financial, intellectual and emotional autonomy. However, the material condition and the spirit of sacrifice are elements that bring the militancy closer to the alienation of wage labor. The continuity of studies has been made possible mainly by the courses organized by the MST. In a period of massification and commodification of higher education, such courses have contributed to a formation based on coping with this situation. In this context, in order for the school, and the middle school stage, to contribute to the formation of young people, it must be articulated with the materiality of life, especially with the organization of settlement production, its contradictions and social struggles.

**Keywords:** 1 Work; 2 Education; 3 Young; 4 Social associations; 5 Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

### **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EIHLP Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu  
ENEM Exame Nacional do Ensino Médio  
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INCRA Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
MEC Ministério da Educação  
MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra  
PNAD Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios  
PNERA Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária  
PPP Projeto Político Pedagógico  
PQE Programa Qualidade no Ensino Público do Paraná  
PRONERA Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária  
PROUNI Programa Universidade para Todos  
SEED Secretaria de Estado da Educação

## **INTRODUÇÃO – A CARACTERIZAÇÃO DA JUVENTUDE DO CAMPO DE ESTUDO COMO FORÇA EM LUTA NO TERRITÓRIO EM QUE SE INSEREM**

O momento da vida designado como juventude abarca um processo de complexificação da formação humana, no sentido da compreensão e mediação mais amplas com outras instâncias de socialização para além da família e da escola. O ensino médio é a etapa da escolarização que coincide com esse momento, e sua contribuição no processo formativo dos jovens pode ocorrer se estiver conectada com a materialidade da vida, com a organização da produção dos assentamentos, suas contradições e lutas sociais. Ao mesmo tempo, encontra limites nessa própria materialidade. É nessa relação contraditória que ocorre a formação dos jovens de acampamentos / assentamentos do MST.

Nesta pesquisa, procuro relatar e defender a tese de que a escola como agência formativa tem uma contribuição a dar na formação dos jovens. No entanto, a formação do “jovem” do MST é um processo que contém múltiplas determinações, no âmbito da produção, educação e formação, a fim de que a continuidade dos movimentos sociais como força em luta contra o capital seja viabilizada pela formação de novas gerações de militantes.

A pesquisa sobre a juventude do Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu teve como foco a formação de jovens militantes do MST, com o egresso do ensino médio da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, considerando a mediação entre a escolarização de nível médio, o trabalho, a militância e a continuidade dos estudos. Constatamos que a saída desses jovens do campo tem relação principalmente com a falta de perspectiva de trabalho, sendo o desejo da continuidade dos estudos algo também muito presente. O MST assume uma atribuição relevante pelas alternativas de escolarização que tem desenvolvido, permitindo o acesso a cursos técnicos e profissionalizantes, em nível médio e superior.

A necessidade de compreender questões emergidas nesse contexto surgiu a partir da experiência de atuar como professora numa escola itinerante, Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu, no Acampamento Herdeiros da Luta de

Porecatu, localizado no município de Porecatu/PR, trabalhando a disciplina de Ciências e Biologia com turmas de jovens do ensino fundamental e médio.

A escola em questão é vinculada ao MST, sendo uma das referências de escola de acampamento para o Setor de Educação no norte do estado. O acampamento onde a escola se localiza foi resultado de uma das maiores ocupações organizadas pelo MST na região norte do estado, marcando historicamente a luta pela terra no Paraná.

Contraditoriamente, a cada fim de ano os jovens que encerravam o ensino médio corriam para a secretaria da escola a fim de solicitar seu histórico escolar, no intuito de irem embora do acampamento em busca de emprego. Ou, ainda, muitos nem procuravam a escola, paravam de estudar antes de concluir o ensino médio. Uma observação mais atenta foi desvelando que, embora “as jovens” da escola apresentassem um reconhecimento mais efetivo com as lutas do MST, isso não bastava para que seguissem produzindo suas existências no acampamento, nem tampouco assumissem a militância como projeto de vida. Em contrapartida, havia jovens que concluíram o ensino médio na escola e se tornaram militantes justamente durante esse período da escolarização.

É apenas no movimento de aproximação e afastamento que podemos compreender e analisar o real.

A essência não está desvelada à primeira vista, por isso a necessidade da pesquisa. Ainda que aparência e essência constituam o fenômeno, importa compreender desde a aparência, o que há de essencial naquilo que se manifesta (KOSIK, 1989).

Essa pesquisa se origina da minha experiência como professora da escola estudada, buscando investigar as problemáticas vivenciadas com o fim de compreendê-las em sua essência. A preocupação em estabelecer as relações parte-todo se faz presente, explicitando a concepção sobre o que é a realidade.

Abordando a conexão ciência e filosofia nos escritos de Marx, Lukács (1979, p. 24) aponta que “a ciência se desenvolve a partir da vida; e, na vida, quer saibamos e queiramos ou não, somos obrigados a nos comportar espontaneamente de modo ontológico.” Nesse sentido, compreendemos que as inserções sociais desses jovens ocultam ao mesmo tempo o cerne do que é ser jovem em

determinado acampamento do MST, e a essência do ser social que vive em um dado tempo histórico, marcado pelas relações sociais de produção capitalistas.

Quais seriam os determinantes na formação dos jovens da Escola Itinerante Herdeiro da Luta de Porecatu? Como as experiências vividas nessa escola, especialmente no ensino médio, marcavam sua formação? Como se confere condições adequadas aos jovens para poderem permanecer em seus espaços? Essas foram questões que me trouxeram a especialização e resultaram nessa pesquisa.

O Documento Final do 1º Seminário Nacional sobre Educação Básica de Nível Médio nas Áreas de Reforma Agrária aponta demandas de atendimento e fundamentos da concepção de ensino médio, entendida pelo MST como “Educação Básica de Nível Médio”, a fim de demarcá-la como integrante da totalidade da educação básica e que necessita ser universalizada, com obrigatoriedade no atendimento público e gratuito. Tais documentos sintetizam um movimento desencadeado pela demanda da formação da juventude dos assentamentos / acampamentos que vem ganhando força nos debates do MST a partir, principalmente, de 2005.

Como aponta Martins (2009), a juventude esteve presente na própria constituição do MST, pois muitas das lideranças que contribuíram para forjar este movimento social eram jovens ligados, sobretudo, à militância na Igreja Católica. Nos anos 1990, com a consolidação dos acampamentos e assentamentos, formaram-se jovens com características diferenciadas, que participaram das primeiras ocupações ainda na infância. A partir de meados da década de 1990, emergem questões internas de demandas dessa juventude por escolarização, trabalho, lazer, participação nas decisões e, especialmente, pela necessidade de continuidade na luta. Além disso, a temática da juventude, após o processo de redemocratização brasileira, retorna à discussão nacional. No bojo desse contexto, as lideranças do MST se põem a refletir sobre os desafios de possibilitar a permanência do jovem nos acampamentos / assentamentos, com maior participação nas decisões nesses espaços e nos próprios movimentos sociais, mantendo os jovens nos espaços e como conseguir que os mesmo continue os estudos e consigam um meio de sobrevivência dentro das suas próprias áreas, sem terem que ir pra áreas urbanas por falta de renda, por falta de ter como se sobreviver no campo.

Nas discussões que envolvem a educação, o documento síntese do Seminário de 2005, em que houve a reunião do Grupo de Trabalho: Educação Média e Profissional, no diagnóstico sobre a “Juventude Sem Terra”, aponta algumas questões importantes sobre a situação do jovem no MST. Há o reconhecimento de que existe pouca participação dos jovens nos acampamentos e na organicidade do MST, além da saída desses do campo em busca de renda e escolarização; o MST busca envolvê-los em ações pontuais, nos cursos e no trabalho de organização, sendo que a juventude que participa dos cursos é aquela mais inserida nos movimentos sociais; é necessário compreender melhor esse tempo de vida, considerando a participação da juventude em um movimento social, o MST, cuja principal atuação é de adultos (MST, 2006). Mediante esse cenário, é delineado o perfil do que o “MST quer com a sua juventude nas escolas”:

Capacidade de entender profundamente a realidade, relacionando a teoria e a prática. Identificar-se como camponês e como Sem Terra, valorizar o campo como espaço de produção da vida e trabalhar pela superação da antinomia campo-cidade. Desenvolver uma postura crítica (organizar a rebeldia) e criativa (tomar posição, demonstrar pensamento autônomo, ser protagonista). Ter consciência dos direitos. Desenvolver uma visão de mundo na perspectiva da classe trabalhadora. Compreender os processos de produção da existência social. Construir sensibilidades e habilidades específicas relativas ao mundo da cultura, da arte, dos esportes [...] Construir sensibilidades e habilidades específicas relativas ao mundo do trabalho. Realizar uma ação/atuação política: militância na organização. – Este é um dos traços reforçados no perfil esperado para os estudantes dos cursos específicos do MST (MST, 2006, p. 153).

Na discussão que envolve o acesso à educação de nível médio, a liderança do MST evidencia uma intencionalidade na formação política dos jovens, articulada com um projeto de transformação social, pautado pela superação do capitalismo. Os jovens do campo ou da cidade enfrentam uma realidade semelhante no acesso ao ensino médio, pois a existência de um funil no que diz respeito à sua oferta ocorreu e ocorre em ambos os espaços, uma vez que abordamos a realidade de jovens a partir de um determinado corte de classe. Nas palavras de Frigotto (2004):

Não se trata, também, de sujeitos sem rosto, sem história, sem origem de classe ou fração de classe. Os sujeitos a que nos referimos são predominantemente jovens e, em menor número, adultos, de classe popular, filhos de trabalhadores assalariados ou que produzem a vida precária por conta própria, do campo e da cidade [...] Trata-se de sentidos e significados que afetam a forma, o método e o conteúdo do Ensino Médio. (FRIGOTTO, 2004, p. 57)

O movimento traz para o debate a relação entre trabalho e educação na formação dos jovens, afirmando que pensar o ensino médio partindo desses sujeitos significa considerar que, apesar de se elevarem os níveis de escolaridade dos jovens, a condição de “empregabilidade”<sup>1</sup> juvenil piorou.

[...] visão abstrata, iluminista e racionalista para uma compreensão histórica dos processos formativos e de construção de conhecimento nesse nível de ensino, em que se articulam ciência, trabalho e cultura (FRIGOTTO, 2004, p. 27).

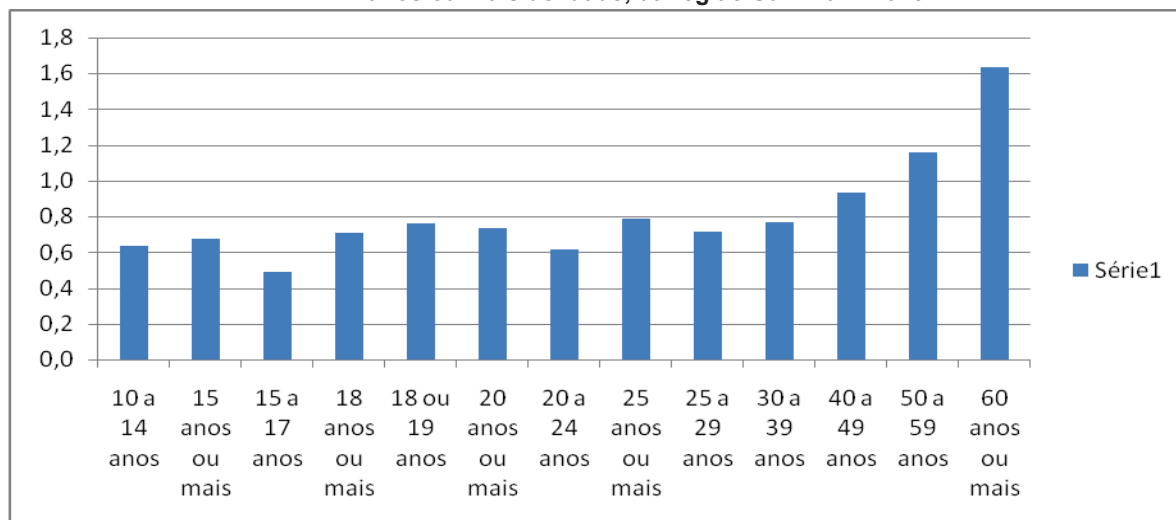
Houve um acréscimo da taxa de desemprego, ampliou-se a flexibilização das relações trabalhistas, os empregos informais, sem registro, que não oferecem estabilidade, segurança, nem os mínimos direitos. Os maiores problemas em relação ao desemprego juvenil, gerados pela diminuição dos postos de trabalhos decorrentes das transformações dos anos 1990, ocorreram no setor primário (agricultura, pecuária, etc.). A migração do campo para a cidade é, portanto, um aspecto a ser refletido considerando a imbricação destes dois espaços - e não uma sobreposição, ou oposição – principalmente após o avanço das relações capitalistas, que tornam campo e cidade espaços interdependentes. O contexto do desemprego se inter-relaciona com a migração do campo para a cidade e indica que “riqueza e pobreza são síntese de um mesmo processo social, ou da unidade entre campo e cidade” (VENDRAMINI, 2009, p. 99). Campo e cidade são entendidos por Vendramini (2010, p. 128) como “duas faces de uma mesma realidade” em que capital e trabalho se colocam como forças em disputa na luta de classes.

Partindo dessas compreensões é que buscamos apreender as estatísticas que tratam da escolarização dos jovens em nível médio e que trazem dados a partir do limite da compreensão pela abordagem de um corte entre urbano e rural.

---

<sup>1</sup> Alves (2009) faz uma crítica à utilização dessa expressão por entender que visa escamotear a realidade social, por isso o termo aparece entre aspas. Para a autora, apesar de no campo científico existirem abordagens que tratam de diferentes dimensões da empregabilidade, “o que é fato, é que, o aumento do desemprego, o seu caráter estrutural e a consolidação do pensamento neoliberal têm contribuído para a manutenção e mesmo para o reforço da perspectiva individual e essencialista da empregabilidade e para uma concepção de fator social otimizado e flexível.”

**Tabela 3.3a - Coeficientes de variação das estimativas de número médio de anos de estudo das pessoas de 10 anos ou mais de idade, da região Sul - 2014-2015**



Fonte: PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2014 – 2015

No que concerne aos indicadores sociais brasileiros, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD (2014-2015) identifica que os jovens de 15 a 18 anos estão estudando cada vez menos aqui na região Sul do Brasil, vivem em situação de restrição, convivendo em famílias com renda mensal *per capita* de até meio salário mínimo (SM).

Com efeito, se o emprego deixou de ser um direito, a empregabilidade passou, indiscutivelmente a ser um dever e uma responsabilidade individual (ALVES, 2009, p. 55).

**Tabela 3.12a - Coeficientes de variação das estimativas de taxa de escolarização das pessoas de 4 anos ou mais de idade, por grupos de idade, segundo as Unidades da Federação - 2014-2015**

Unidades da Federação	Coeficientes de variação das estimativas de taxa de escolarização das pessoas de 4 anos ou mais de idade (%)					
	Grupos de idade					
	4 ou 5 anos	6 a 14 anos		15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 anos ou mais
	Total	7 a 14 anos				
<b>2014</b>						
Brasil	0,5	0,1	0,1	0,4	1,0	1,3
Paraná	2,3	0,3	0,3	1,6	4,1	4,5
Santa Catarina	2,7	0,3	0,3	2,5	6,8	7,2
Rio Grande do Sul	3,2	0,3	0,3	1,6	5,2	5,1
<b>2015</b>						
Brasil	0,5	0,1	0,1	0,4	1,0	1,4
Paraná	2,8	0,3	0,4	1,8	4,4	5,5
Santa Catarina	2,4	0,3	0,3	2,1	5,4	8,6
Rio Grande do Sul	3,2	0,3	0,2	1,6	4,7	4,6

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2014-2015.

Os dados apresentados expõem o contexto em que vivem os jovens brasileiros, efetivamente os filhos da classe trabalhadora, marcados por dificuldades na falta de acesso à educação e saúde públicas de qualidade, de inserção no trabalho, convivendo com tráfico de drogas, violência, problemas ambientais, questões que afetam mundialmente a vida no século XXI.

Militância – A formação política e de quadros é uma necessidade de qualquer movimento social, destacando-se no MST pela sua duração de mais de duas décadas. Inserir-se nas lutas pode ou não ser uma perspectiva colocada para o jovem que reside em um assentamento do MST e, ainda assim, efetivada de distintas formas: localmente, ao pensar a produção e a vida no assentamento a que pertence; ao mesmo tempo em que ou ainda organicamente, em diferentes frentes de atuação. A formação escolar pode estabelecer nexos com a formação política, desde que vinculada com as lutas sociais inerentes à vida dos jovens.

Continuidade dos estudos – O alongamento da escolarização é uma característica presente no século XXI e a ampliação de acesso ao ensino médio tem ocorrido no Brasil elevando a escolarização dos jovens da classe trabalhadora, mesmo que de forma lenta e precária. No entanto, essa situação não se relaciona diretamente com a possibilidade de emprego. Antes, o que ocorre é o inverso: aumenta-se o tempo de escolaridade dos jovens e com ele também o desemprego. Nesse contexto, o prolongamento nos estudos de jovens do MST tem ocorrido, sobretudo, pelas conquistas de programas do governo federal, especialmente pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Através dele, é possível estabelecer parcerias com instituições de ensino públicas e consolidar cursos de nível superior em diferentes áreas como Pedagogia, Licenciaturas, Agronomia, Direito, entre outros. Este tem sido um importante espaço formativo dos jovens do MST.

## 1. ACAMPAMENTO HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU

“Herdeiros da Luta, resistência e memória, estamos nesta luta continuando a nossa história.”

Palavra de Ordem

“O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra herda, portanto, a história dos posseiros da Revolta de Porecatu, e a incansável e não resolvida questão da luta pela terra, organizando as famílias camponesas para ocupar e produzir nas terras mais férteis do Estado, e assim reafirmar o compromisso da Reforma Agrária Popular que defendemos, voltada à distribuição e ao resgate dos trabalhadores e a valorização da vida”.

Anísio Cardoso Ribeiro

O Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu tem uma contribuição histórica a dar no registro da luta pela terra no Brasil, fiel à memória das lutas que antecederam os camponeses trabalhadores Sem Terra, que hoje ali vivem e lutam buscando, com muita resistência, continuar a história interrompida pela violência do agronegócio. Com o intuito de reconquistar e devolver estas terras à agricultura familiar, o MST se faz presente desde 2008, quando “coloriu” este latifúndio com centenas de rostos de camponeses, camponesas, jovens e crianças vindas de várias partes do país. Esta ação ficou conhecida nacionalmente, tendo grande repercussão nos meios de comunicação e sendo motivo de orgulho, demonstrando a força e a organização deste movimento social.

A história do Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu nasce ligada à disputa local pela terra. As irregularidades das terras do município, hoje em sua maioria de poder do Grupo Atalla, tornaram-se públicas no ano de 2008, quando a Polícia Federal junto ao Ministério Público do Trabalho, realizaram vistorias nas fazendas que são propriedades da UCP, pertencente ao grupo Atalla. Esta ação ocorreu após algumas denúncias de maus tratos e péssimas condições de trabalhos que os funcionários viriam sofrendo pela empresa.

Após a operação ficou confirmado e foi publicada pela imprensa a existência de várias irregularidades, entre elas sonegação de impostos e a existência de trabalho análogo ao regime escravista em várias fazendas pertencentes ao grupo.

Uma das fazendas irregulares tratava-se da Fazenda Variante, onde atualmente está localizado o Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu.

Depois de este fato tornar-se público, houve uma movimentação do MST com o objetivo de ocupar a área. Alicerçado na Lei n.º 4.504, de 30 de novembro de 1964, em seu art. 2º, assegura “a todos a oportunidade de acesso à propriedade da terra, condicionada pela sua função social”. Desta forma fica claro que toda a área de terra que não cumprir sua função social deve ser destinada à Reforma Agrária.

Foram muitos os motivos que levaram o MST a requerer essas terras para a realização de Assentamentos. Além da qualidade e fertilidade do solo, o fator determinante foi à constatação de trabalho em regime análogo ao trabalho escravo (ZAMPIVA, 2013). O que demonstra que a injustiça contra os trabalhadores rurais ainda permanece pelas extensões de terras de Porecatu. Com a lentidão nos trâmites burocráticos, o MST - como forma de pressionar as autoridades responsáveis legalmente para a realização de Assentamentos da Reforma Agrária -, vem através da ocupação de terra e formação de acampamentos se fazer presente nesta disputa, com o objetivo de conquistar as terras no município.

Nas décadas de 1960 e 1970 o termo mais usado nesses casos era “invasão”, o qual transparecia supostas atitudes ilegais em relação ao direito da propriedade. Contrapondo esta visão, o MST se apropria do termo “ocupação” pensando e defendendo que a terra não é invadida e sim ocupada, pois se a terra não está cumprindo sua função social constitucional ela necessita ser ocupada por alguém que dê esta função a ela.

Com o objetivo de trabalhar e produzir alimentos com respeito à função social da terra, o MST realiza a ocupação das terras do Grupo Atalla no ano de 2008 na Fazenda Variante, com o intuito de marcar presença e conquistar seu espaço em Porecatu. Assim, “no dia 01 de novembro de 2008, com mais de 2.000 pessoas dos acampamentos e assentamentos de várias regiões do estado se iniciou o Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu” (EIHLP, 2013, p.7). Essas famílias eram oriundas de várias partes do estado do Paraná. Com o objetivo de auxiliar as famílias da região nesta ação, as famílias oriundas de outras regiões permaneceram na área por quinze dias e, após este período, retornaram para seus municípios de origem. Depois disso, somente 32 famílias permaneceram acampadas na Fazenda Variante.

É muito comum no MST um local já estabilizado contribuir com as famílias de outros locais em fase de organização e estruturação. Há um processo de organização por região no qual a cada 500 famílias há a formação de uma Brigada, e estas podem englobar um ou mais acampamentos e assentamentos. Porecatu faz parte da Brigada Dorcelina Folador. Mas além da contribuição da própria Brigada, o acampamento recebeu contribuições de várias outras Brigadas, um exemplo claro de que a luta pela terra só existe porque quem a mantém são os próprios sujeitos envolvidos.

Atualmente, o Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu conta com a presença de 250 famílias acampadas e consegue garantir a produção de alimentos para o próprio sustento das famílias e para comercialização. Estas ações demonstram as conquistas adquiridas nesse período de muitas lutas e que reafirmam o compromisso que as famílias têm com o bem estar de todos os sujeitos acampados. As conquistas são frutos de uma organização coletiva das famílias e as estruturas físicas existentes no acampamento são realizadas por meio de mutirões, muito comuns nos espaços organizados pelo mesmo.

## **2. ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU**

A Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu teve início desde os primórdios do Acampamento homônimo em 2008. Inicialmente suas práticas educativas ocorriam embaixo dos pés de manga. Em 2009 já foi possível inaugurar a primeira estrutura física contendo várias salas de aulas. Este ato reuniu muitas pessoas através da realização de uma grande festa, pois, quando se conquista uma Escola Itinerante a conquista não é apenas das famílias que residem naquele espaço, mas é também uma conquista política muito importante para o MST, pois significa a consolidação de um sonho que vai sendo realizado e registrado na história da sociedade.

Fazendo o diálogo com a experiência histórica da classe trabalhadora em diferentes lugares, o MST vem buscando contribuir na formulação de um projeto educativo comprometido com a construção da sociedade do trabalho, com igualdade social e participação plena de todas as pessoas, conforme suas necessidades e capacidades, nos processos de decisão e de produção da vida, em todas as suas

dimensões. Faz isso desde a especificidade de sua atuação nas áreas de Reforma Agrária e no movimento da luta de classes no campo.

O objetivo principal do MST no âmbito da educação é ajudar a formar seres humanos mais plenos e que sejam capazes e queiram assumir-se como lutadores, continuando as lutas sociais de que são herdeiros, e construtores de novas relações sociais, a começar pelos acampamentos e assentamentos onde vivem e que são desafiados a tornar espaços de vida humana criadora. Para isso é preciso educar as novas gerações de modo a que desenvolvam uma visão de mundo que inclua estes objetivos; crianças e jovens ativos, com iniciativa, multilateralmente desenvolvidos, com apropriação de conhecimentos científicos relevantes, capazes de ligar teoria e prática, que aprendam habilidades técnicas, hábitos sociais e valores de convivência e trabalho coletivo. (Plano de Estudos, 2013)

Esta escola foi criada através dos esforços dos próprios moradores e “principalmente das famílias que já conheciam as experiências de Escolas Itinerantes de outros acampamentos que passaram”, conhecendo a existência e reconhecendo a importância delas questionaram e reivindicaram uma Escola Itinerante onde seus filhos pudessem estudar. (EIHL, 2013, p.8).

Como o Acampamento foi constituído por famílias vindas de outros acampamentos do MST, houve a preocupação de que as crianças não perdessem o ano letivo. Para solucionar esta problemática foi necessário que um educador viesse de outro acampamento, exclusivamente com o objetivo de organizar a escola com as condições possíveis naquele momento e continuasse o trabalho com as crianças garantindo, assim, o fechamento do ano letivo de 2008.

As aulas aconteciam embaixo dos grandes pés de manga, muito comum na fazenda ocupada, pois, era o espaço mais fresco do local e que protegia do sol, as aulas aconteciam todas juntas de 1ª a 4ª série em uma turma multisseriada onde os educadores trabalhavam todos juntos buscando atender a necessidade de cada educando, mesmo não tendo muitos recursos, pois, não se tinham materiais pedagógicos, o quadro era improvisado com uma lona bem esticada, não havia carteiras e nem cadeiras, o lanche para as crianças era a comunidade que se organizava para preparar, arrecadavam alimentos entre as famílias acampadas, que também não tinham muitas condições ou elas iam até suas casas lanchas e voltavam em alguns minutos. As dificuldades eram imensas, mas isto não era empecilho para que as aulas não acontecessem, apenas não havia aulas quando chovia. (EIHL, 2013, p.8).

As primeiras aulas foram lecionadas em baixo das árvores, o quadro era feito de lona e as crianças eram liberadas para irem lanchar em seus barracos. Aos poucos, posteriormente, foi possível construir salas feitas de lona, contando com

recursos das próprias famílias acampadas, que além de fornecerem o material para a construção também foram os feitores da obra. Nesta nova etapa da escola foi possível obter algumas melhorias, como carteiras e cadeiras, doadas por uma escola próxima.

A merenda escolar passou a ser repassada pelo Estado, mas como eram insuficientes, as famílias continuaram a contribuir com os alimentos. Não havia espaço, nem estrutura apropriada para a construção de uma cozinha. Os alimentos eram preparados ao ar livre em uma chapa de fogão improvisada. As crianças se alimentavam por ali mesmo, sentados no chão ou na sala de aula.

No ano de 2009 as dificuldades de aprendizagem eram imensas, pois, as salas de aulas eram escuras e não havia condições necessárias para um ensino de qualidade. Também havia a falta de materiais pedagógicos disponíveis que oferecesse suporte ao educando e ao educador. Preocupadas com a funcionalidade da escola, o Setor de Educação do MST disponibilizou uma pedagoga para acompanhar o trabalho da escola. Esta, então, se mudou para o acampamento onde permaneceu na escola até o ano de 2012.

No ano 2012, outro passo importante foi dado, a discussão com as famílias sobre a abertura de turmas dos anos finais do ensino fundamental que passaram a ser garantidas pela escola itinerante. Essas turmas foram efetivadas nesse ano. Diante das lutas travadas no nosso território algo novo estava por vir, a escola abriria as portas para professores contratados pelo Processo Seletivo Simplificado (PSS). A preocupação inicial era de que os educadores que chegassem, pudessem compreender o processo e metodologia específica dessa proposta de educação, fundamentada na formação continuada e no aporte teórico do ciclo de formação humana. Outro aspecto era o de que essa educação necessitava de um processo de formação continuada e permanente dos educadores, considerando a própria escola como um símbolo significativo para a formação desses educadores. A escola passou a funcionar em dois horários, durante o período da manhã com as turmas dos anos iniciais, educação infantil ao 5º ano e do 6º ano até o 9º ano do ensino fundamental.

A estrutura física da escola foi melhora da com a construção de: seis salas de aulas, rodeadas de "Madeirit", coberta com telhas padrão "Eternit" e com piso em todas elas; um espaço reservado para organização da biblioteca; cozinha com refeitório, contando com fogão industrial e outros materiais necessários para o preparo dos alimentos; dois banheiros; água encanada, entre outros.

No âmbito pedagógico os avanços também foram significativos, neste momento o corpo docente se constituiu por pessoas com escolarização básica e alguns com ensino superior. Além disso, o trabalho não era mais voluntário, havia remuneração.

A Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu possui um diferencial das outras Escolas Itinerantes, pois, a mesma conquistou no ano de 2010 um Projeto de Extensão da Universidade Estadual de Londrina.

### **3. METODOLOGIA**

A produção de dados desta pesquisa visa dar suporte para compreender como a juventude da E.I.H.L.P. no Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu pensa e como sobrevive no campo, ou seja, como estão vivendo atualmente. Foi elaborada uma pesquisa contendo 13 perguntas e distribuída para 4 (quatro) educandos que estudaram e estudam na E.I.H.L.P. Expliquei para todos o motivo da pesquisa e o porquê eu estava fazendo aquelas perguntas e a sua importância para o levantamento de informações necessárias para a conclusão do artigo, onde o questionário se encontra no final do artigo.

### **4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

As informações obtidas nas entrevistas estão descritas abaixo, conforme relato original. Estarei utilizando codinomes para as pessoas entrevistadas e, para cada entrevistado, uma numeração para diferenciar um de outro. Trata-se de um primeiro retrato da juventude cuja vida e territorialidade estão relacionadas ao processo de reforma agrária no Brasil. O devir ontológico destas vidas poderá estabelecer interessantes diálogos interdisciplinares e a constituição de projetos coletivos em que essa juventude participará desde a perspectiva de uma cidadania ativa. Portanto, são registros iniciais cujo potencial futuro em inventários educacionais e culturais são reais e efetivos.

O relato da primeira pessoa entrevistada (E1) sobre as características do jovem revela que ele ingressou no acampamento em meados de 2015, mas sempre

possuiu vínculo com o MST. Além disso, declara que o ensino nesta escola é melhor que o da cidade e que se tem mais convivência com os colegas. E1 observa que não foi acampado anteriormente e que viver no acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu por causa do pai, que já residia no local e por questões de saúde. Ele residia anteriormente no Assentamento Dorcelina Folador, onde morava com sua mãe que é separada do seu pai, e resolveu se mudar do assentamento porque o lote era muito pequeno e ela sozinha não conseguia cuidar do mesmo. Atualmente E1 mora com o pai. Ele sempre foi camponês, criado no assentamento e posteriormente no acampamento; não possui um trabalho fixo e ajuda o pai na lavoura quando não está na faculdade, cursada através do MST, em regime de alternância. E1 adora as “coisas da roça” e se identifica com o trabalho rural; a sua expectativa é de ser assentado para poder produzir alimentos saudáveis e poder ter uma condição de vida melhor e não depender de outras formas de trabalho e de produção industrial.

O relato do E1 sobre a escola, onde o mesmo iniciou na Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu no 1º ano do ensino médio (E.M.), revela que ele nunca foi reprovado e cursou até o término do 3º ano do E.M., levando dois anos e meio para concluir os estudos; nunca desistiu de estudar, pois, quer construir um futuro para ajudar a mãe. Atualmente está cursando faculdade no Rio Grande do Sul, de Agronomia através das parcerias das faculdades com o MST.

O relato da 2ª pessoa entrevistada sobre as características do jovem (E2), revela que ela não esteve no acampamento desde o início de sua vida. Ela veio no ano de 2014 e nunca foi acampada em outro local. Morava em fazendas onde seus pais eram empregados. Declara que resolveu vir para o acampamento em busca do reconhecimento de seu direito à terra e ser assentada, para a família poder sobreviver de seu próprio trabalho, sem serem funcionários, visto que sempre foram camponeses. Atualmente a E2 é educadora da escola e se identifica com seu trabalho e a importância da educação e dos estudos. Ela realiza um trabalho voluntário na escola, mas está em busca da agricultura familiar e quando são necessários, realiza trabalhos coletivos.

No tocante ao relato de E2 sobre a escola, a mesma declara que foi estudante da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu no período de 2015 a 2018, iniciando no 9º ano do ensino fundamental (E.F.) até o 3º ano do E.M.; nunca foi reprovada e levou 3 anos para concluir o E.M., quando a mesma estava no 9º

ano ficou uns 3 anos fora da escola, retornando aos estudos quando foi morar no acampamento, não saindo mais da escola, até concluir o E.M.

A 3ª pessoa entrevistada sobre as características do jovem (E3) relatou que chegou ao acampamento em 2014, quando a escola já estava no local atual e não havia energia elétrica. Ela mora com os pais, que vieram morar no acampamento, pois tinham o sonho de ter um pedaço de terra. Antes residiu por 9 (nove) anos na cidade de Ibiporã/PR. E3 trabalha como auxiliar em sala de aula desde o início de 2019, voluntariamente (e se identifica com o trabalho voluntário) e gosta de estar com as crianças. Sua família tem a roça, porém às vezes precisa trabalhar fora do acampamento, não conseguindo sobreviver somente da roça.

No relato de E3 sobre a escola, ela narra que iniciou em 2014 no 7º ano E.F., onde ainda está estudando, cursando o 3º ano E.M.; com término em 2019. Nunca foi reprovada, levando 3 anos para concluir o E.M. nesse ano, jamais ficando fora da escola, pretendendo após o término do E.M. ingressar na faculdade através das parcerias que o MST tem e que proporciona que todos continuem estudando e se qualificando para poderem ter renda e permanecerem no campo.

Por sua vez, no relato da 4ª pessoa entrevistada sobre as características do jovem (E4), ela relata que nasceu no MST e desde muito pequena participa das atividades dos jovens ativamente dentro do acampamento. A mesma relata ter vindo para o acampamento em busca de um pedaço de terra. Sempre morou nas áreas da Reforma Agrária e hoje está acampada para ter um pedaço de terra, pois acredita na transformação da sociedade. E4 é casada e mora com o esposo e seu filho; sempre foram camponeses. Ela trabalha na Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu faz 7 (sete) anos e atualmente é educadora da escola. Acredita que pode contribuir na sua comunidade e lutar pelos direitos das crianças do campo, o direito de viver e estudar no campo.

No que se refere ao relato de E4 sobre a escola, ela iniciou o ensino médio em 2014 e concluiu em 2016. Cursou os 3 anos do E.M. e todos os cursos que o MST ofertou para a mesma, nunca reprovou, desde o início dos estudos. Sua narrativa contempla a afirmação de que “abracei com as duas mãos essa oportunidade, pois me identifiquei com a proposta que a escola tem, busca trabalhar o ciclo de formação humano, formando seres pensantes e ativos na sociedade”.

Nesse sentido, cabe destacar que Abramo (2005) verifica que os estudos atuais apontam a transição dos jovens para a vida adulta sem se tornarem

independentes da família de origem. Entretanto, no contraponto, em nossa pesquisa percebemos que quase 75% dos jovens solteiros, ainda são dependentes da família, ao menos economicamente.

### FIGURA 1 – ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU



FONTE: Arquivo da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu – Inventário da Realidade (2009).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar do tema juventude no MST é discutir, neste momento, qual a participação deste sujeito no quadro organizativo do movimento social? Dentro das contradições e possibilidades que o período nos apresenta, como fazer e como nos ajustar acerca de nossa estratégia? Há um consenso de que temos dificuldades em trabalhar com os jovens que estão nos assentamentos e acampamentos. Existem, aproximadamente, 400 mil jovens em nossas áreas e se organizássemos esses jovens, mobilizaríamos muito mais a nossa base.

O debate sobre a juventude não é um debate resolvido no âmbito do MST, no sentido de como materializar este tema e conciliar com o debate geral. Precisamos compreender a juventude camponesa dentro do contexto em que se encontra o

desenvolvimento capitalista na agricultura brasileira. E também os desafios que ela coloca para população que vive da agricultura camponesa e como essa juventude, que vive nos acampamentos e assentamentos, se comporta no processo de mudança na natureza da luta pela Reforma Agrária, do qual a luta pela terra está inserida hoje.

Essa é uma preocupação internacional, que tem motivado debates nos movimentos sociais, especialmente na Via Campesina, haja vista que os jovens do mundo são vítimas das principais ações do capital contra a agricultura camponesa. É claro que não são os únicos vitimados, porém, são os primeiros a saírem do campo. Isto compromete a agricultura camponesa, não sendo mais apenas um problema de acesso à terra, mas sim de condições de permanência nela. Entender o papel da juventude camponesa, neste momento, é pensá-la estrategicamente na luta dos camponeses de forma global.

Temos hoje no Brasil cerca de 8,1 milhões de jovens no campo, entre 15 a 29 anos, sendo que 2,4 milhões estão em extrema pobreza.

Nesta perspectiva, não podemos pensar a juventude como aqueles que vão conduzir o futuro, mas como os que vivem e sentem as mazelas do presente causadas pelo capital, sentindo-se provocados a agir como sujeitos que necessitam assumir seu papel histórico na transformação. Inclusive com os jovens que estão saindo para o mercado de trabalho, que deixaram de estudar, que não se sentem mais jovens.

Trabalhar com a juventude é fundamental para construção de qualquer projeto de sociedade, seja ele conservador ou socialista. Pois é quem tem condições de ser um elo entre a experiência histórica da classe trabalhadora, de quem ela é filha, e o novo. Desta maneira, não podemos compreender a juventude apenas pela idade (faixa etária) ou comportamento (espírito jovem). Temos que dar um passo adiante na perspectiva de que se compreenda a juventude como força social, organizada no MST, dentro de nossas áreas, para atuar na defesa do projeto político da organização.

Após realizar a pesquisa com os estudantes e ex-estudantes, pude observar que todos tiveram a oportunidade de estudar, devido à valorização dada à educação pelo MST. Mas eles se encontram ainda perdidos em relação ao trabalho. Muitos realizam trabalhos voluntários, sem renda para a sua própria sobrevivência; outros ajudam as famílias na roça, onde também se encontram sem renda. Muitas vezes,

as próprias famílias têm integrantes trabalhando fora do campo para conseguir sobreviver no campo.

Pois atualmente a grande maioria não está conseguindo sobreviver e manter sua família com a renda oriunda do campo, mesmo diante de toda a preocupação do MST com a juventude em dar e criar oportunidades para os jovens se manterem no campo e sobreviverem no campo. Tais ações ainda não foram suficientes para a juventude, que não conseguiu renda para se manter no acampamento onde reside. Nesse sentido, o presente trabalho contribui para a compreensão do fenômeno descrito ao longo das páginas anteriores, ao termos em conta, por exemplo, que apenas uma das pessoas entrevistadas possui renda mensal, morando e trabalhando no campo.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo-Porto Alegre: Fundação Perseu Abramo-Instituto Cidadania, 2005.

ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo. M. (Orgs.). Apresentação. In: \_\_\_\_\_. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo-Porto Alegre: Fundação Perseu Abramo-Instituto Cidadania, 2005.

BRASIL. **Educação do Campo: marcos normativos**. Brasília: Secretaria do Estado de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **A Educação do Campo e a perspectiva de transformação da forma escolar**. Santa Catarina: Editora Insular, 2009.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

EIHLP, 2013-2018. **Memorial da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu**, Porecatu / PR, 2013 a 2018.

EIHLP, 2013-2018. **Plano de Ação da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu**, Porecatu / PR, 2013 a 2018.

EIHLP, 2013-2018. **Relatório Semestral da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu**, Porecatu / PR, 2013 a 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2018.

PARANÁ, Lei nº 6.508/73. **Legislação estadual de recursos humanos**, Curitiba, 16/10/1979.

PORECATU. **História**. Acesso em <http://www.porecatu.pr.gov.br/historia>

VIEIRA, Larissa Christina Bassier. SHIOHARA, Mariane Yuri. **Contratação Temporária de Professores pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná Através do Processo Seletivo Simplificado – PSS**. In: ANIMA: Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET. Curitiba, Ano IV, nº 9, jan/jun 2013.

ZAMPIVA, Simone. **Diário de Campo na Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu**, 2013.

ZAMPIVA, Simone Inguebold de Souza. **A Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu: Um espaço formador dos professores (as) contratados por PSS**, 2014.

**ANEXOS****Questionário de identificação para jovens da entrevista coletiva****A) Dados de identificação**

Nome completo: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Local de nascimento: \_\_\_\_\_

Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) mora junto com companheiro

Tem filhos? ( ) Não ( ) Sim Quantos? \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Endereço eletrônico: \_\_\_\_\_

Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

Nome do pai: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Local de trabalho: \_\_\_\_\_

Nome da mãe: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Local de trabalho: \_\_\_\_\_

**OBSERVAÇÃO**

Autorizo a utilização desta entrevista na pesquisa: ( ) Sim ( ) Não

Autorizo a citação de meu nome na pesquisa: ( ) Sim ( ) Não

Autorizo a utilização de minha imagem na pesquisa: ( ) Sim ( ) Não

**Questionário de identificação para jovens da entrevista coletiva**  
**(continuação)**

**Caracterização do jovem**

1. Você participou desde o início do acampamento? Quais as principais lembranças e aprendizados dessa experiência?
2. Você já foi acampado em outros acampamentos? Como veio morar no Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu?
3. Já morou em outros locais? Quais? Em que ano? Por que se mudou?
4. Com quem mora?
5. Você e sua família sempre foram camponeses? Se não, o que te levou a se tornar um camponês?
6. Possui algum trabalho? Quais as atividades que exerce nele?
7. Você se identifica com esse trabalho? Por quê?
8. Qual a perspectiva de trabalho dentro do Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu?

**Sobre a escola**

1. Qual o ano de ingresso e/ou de saída da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu?
2. Cursou quais séries na Escola Itinerante?
3. Teve alguma reprovação? Quando? Por quê?
4. Quanto tempo levou para concluir o Ensino Médio?
5. Desistiu de estudar em alguma série e depois retornou? Quando? Por quê?

### **Roteiro de questões para o grupo de jovens na entrevista coletiva**

1. Quem participou do processo de criação da Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu? Esteve em alguma ocupação para efetivação do mesmo? Como foi? Quais os aprendizados desse momento?
2. Quais as marcas mais importantes que a escola deixou (positivas e negativas)?
3. Existe relação entre o que aprende na escola e o que faz hoje? Qual é essa relação? - no trabalho, na militância, na continuidade dos estudos, nas perspectivas.
4. O que especificamente o Ensino Médio possibilitou em suas vidas em relação à inserção no trabalho, na comunidade, na militância e na continuidade dos estudos?
5. Que conteúdos trabalhados nas disciplinas foram/são importantes em sua vida?
6. Como compreende a relação da escola com o acampamento e o MST?
7. Na sua compreensão, a Escola Herdeiros da Luta possibilita algo de novo na formação dos jovens em relação às outras escolas que conhece? Explique que novo seria esse.